



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A ARTE QUE ENGENDRA A FORMAÇÃO: OS ANOS DE APRENDIZADO DE WILHELM MEISTER, DE GOETHE

Katerine Iraci de Brito Sobrinha*
(UESB)

Lucia Ricotta Vilela Pinto**
(UESB)

RESUMO

Este trabalho visa à análise de um objeto de pesquisa situado no âmbito da filosofia e teoria literária do final do século XVIII, nos concentrando, sobretudo, no estudo de uma possível teoria da representação teatral, que implica não apenas o estudo da encenação em si, mas, para além disso, a oportunidade de compreender como a função do teatro está ligada ao desenvolvimento de questões da natureza humana e da sociabilidade entre os homens. Para tanto, centralizamos a discussão no romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de J. W. Goethe, publicado entre os anos de 1795 e 1796; uma vez que o romance em questão apresenta traços decisivos para a investigação de alguns conceitos fundamentais da literatura, da teoria literária e da filosofia.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro; Formação; Goethe.

*Graduanda do curso de Letras Vernáculas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, pelo projeto “O conceito de formação em *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe”, sob a orientação da Professora Dra. Lucia Ricotta. Endereço eletrônico: kate_brito@hotmail.com.

**Professora Doutora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Agência financiadora: UESB. E-mail: luciaricotta@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

INTRODUÇÃO

O século XVIII se tornou um dos momentos mais frutíferos para os estudos da teoria literária. Momento em que a literatura ainda se definia enquanto tal, os escritos setecentistas se configuravam a partir dos mais variados moldes, seja no âmbito da filosofia ou da poesia, das narrativas ou até mesmo das composições dramáticas. Momento, também, de reconhecimento do romance enquanto gênero, protagonizando o rompimento entre as letras e os moldes institucionais da retórica antiga, se estabelecendo, assim, como gênero livre de convenções formais e responsável por trazer ao centro dos seus enredos as experiências comuns vividas pelos homens.

Dito por outra forma, se outrora o enredo de toda uma tradição literária era caracterizado pelo uso de *typus* humanos, por assim dizer, genéricos, atuando em ambientes pré-determinados por preceitos específicos a cada gênero, agora, a narrativa ficcional passava a dar ênfase a modelos que fossem efetivamente humanos.

Ao lado das peculiaridades dessa nova forma que surgia, o teatro também exerceu função de destaque na formação do gosto estético na Europa do século XVIII. Em se tratando de representação teatral, o assunto costumava abandonar um possível caráter de divertimento social banal e assumia a condição de importante objeto de reflexão entre literatos e filósofos. Dessa forma, buscando um diálogo entre os dois gêneros em questão - romance e teatro - a nossa escolha não poderia ter recaído noutra obra que não fosse *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe, publicada entre os anos de 1795 e 1796. Por um lado, a primeira incursão de Goethe num gênero pelo qual ele seria reconhecido, mais tarde, como fundador: o *bildungsroman* (romance de formação); por outro, o importante tratamento dado ao tema do teatro no interior do seu romance.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

No romance em questão, Goethe narra a trajetória de um jovem alemão desde a sua primeira infância até os primeiros anos de sua maturidade. O que de mais marcante se estabelece na personalidade em formação do jovem Meister, e é o que aqui nos interessa mais de perto, é o fato de a sua educação só parecer efetivamente guiada em direção à plenitude quando a partir do seu contato permanente com a arte. Fato este traduzido no romance através da viva inclinação de Wilhelm Meister pela arte dramática ser compatível com o seu interesse pelas “coisas humanas”, ou seja, no romance, a busca do protagonista por uma formação humanista anda em harmonia com o seu interesse e idéia de que só através do teatro o homem pode contemplar uma formação plena.

Podemos perceber nessa discussão, então, claros indícios do que estava sendo posto em questão quando da publicação do Wilhelm Meister. Associando a obra de Goethe à dimensão formativa proposta pela filosofia das luzes, percebemos que o que primeiramente encerra essa discussão é a possibilidade de pensar, por assim dizer, numa formação estética da humanidade, num claro anseio de propor ao homem uma franca revolução que se iniciaria pelo cultivo de sua própria humanidade.

Mas como Meister pensava, então, o teatro? Como aquilo que se materializa em um palco, ao se abrir a cortina, tendo todos os espectadores a consciência de ser fingimento, ações imaginárias, poderia assumir aos olhos do nosso protagonista a legitimidade de ações reais? Meister, certamente, compreendia que a arte cênica visa a trazer ao espectador uma espécie de ilusão da realidade. Seria, então, o teatro um microcosmo, um pequeno resumo do mundo real? Mas em que medida o mundo real não é em si mesmo resultado de artifício? Somos, então, compelidos a pensar, tal qual imaginou Rousseau, no mundo como palco, nas ações humanas como cenas e no homem como simulacro de si mesmo.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A questão que engaja essa reflexão é o fato de que tudo quanto possível no romance diz respeito aos efeitos do teatro, tudo, na obra de Goethe, diálogos, viagens, encontros, em suma, todos os eventos ocasionais, todas as experiências vividas estão voltadas de certa forma para o tema do teatro, da arte e da poesia. Esta é uma questão, portanto, que não se configura apenas como mais uma a ser desenvolvida no interior da narrativa, mas, para além disso, essa tríade se articula como mecanismo de compreensão da formação do próprio Meister; da formação desse *homem* pensado por Goethe. Sendo assim, o que salta à vista na leitura do romance não é outra coisa senão essa compatibilidade entre as ações no mundo e uma forma bastante específica de representação.

É muito notável, neste sentido, o uso da metáfora cênica como das mais recorrentes, durante o século XVIII, para se pensar a natureza do homem e a sua potencial atuação no mundo. Se pensarmos que de alguma forma a vida social implica uma representação, que, por sua vez, faz supor o afastamento ou proximidade de cada um em relação à natureza, temos de pensar em que medida é possível determinar o grau desta aproximação. Pensar em um “homem natural” implica, de certa forma e em uma figuração quase mítica, pensar em um homem sozinho, isolado, em contraposição à idéia de um homem social. Uma vez que esse homem se põe diante dos olhos de um outro indivíduo, somos tentados a pensar na maneira com a qual esses homens vão se contemplar mutuamente e, mais que isso, como querem ser vistos um pelo outro. É, pois, pensando a partir dessa imagem, que podemos meditar sobre a idéia de a sociabilidade pressupor, por uma espécie de correlação, a noção de representação. De todo modo, a sociabilidade parece indicar que toda empreitada ou ação do sujeito no mundo se inscreve somente a partir de um quadro que seja definido pela representação.

Podemos explicar melhor. A nossa tentativa, no presente trabalho, se inscreve dentro de uma interpretação segundo a qual a representação teatral, insistentemente



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

trabalhada no romance de Goethe, se articula como uma espécie de metáfora feita por analogia à formação do homem através de sua experiência de sociabilidade. Ou seja, a formação do caráter humano só se dá plenamente quando se leva em consideração a sua dimensão dialógica, quando se leva em consideração, necessariamente, a presença do outro.

Portanto, o que parece articular a idéia segundo a qual o homem que vive em sociedade é dotado, em sua organização natural, de uma tendência ao cultivo de si mesmo, é o fato de essa natureza humana parecer ser essencialmente propensa à formação, ao desenvolvimento e à cultura. Em Meister, as relações que se estabelecem entre natureza e sociabilidade convergem para este fim. Toda a sua formação parece proveniente de uma inclinação natural para o cultivo de sua humanidade, dito por outra forma, no romance de Goethe, o fim a que aparentemente o homem se destina parece ser a sua própria *formação*; esse impulso natural que o guia em direção ao todo, à completude de si mesmo. O curso da sua existência nos figura, assim, como um processo voltado para o aprimoramento do seu caráter e o desenvolvimento de sua humanidade, vale dizer, através da arte.

Talvez seja exatamente por isso que a formação de Wilhelm Meister dispensa qualquer interferência de cunho capitalista, enquanto riqueza, bens ou valores acumulados; uma vez que o jovem Meister, já nos primeiros anos de sua vida, abre mão da estreiteza de uma vida burguesa em nome de sua mais viva inclinação pela arte e pelo conhecimento do próprio homem. A sua formação se dá, portanto, a partir de uma delicada esfera de conexões, de relações harmoniosas estabelecidas entre o homem e a arte, entre o homem e a natureza, entre o homem e os demais homens, entre o homem e si mesmo.

Recorremos aqui às palavras do próprio Meister, que coloca nestes termos a sua inclinação pela arte:



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Aquele que nasceu com talento para algum talento, nele encontra a sua mais bela existência! Só o impulso interior, o amor e o desejo nos ajudam a superar os obstáculos, a abrir caminhos e a elevar-nos acima do estreito círculo onde outros miseravelmente se debatem. (...) Não sentes esse todo a arder coeso, que só o espírito descobre, concebe e realiza; não sentes que lateja nos homens uma centelha melhor que, não encontrando alento e ânimo, é soterrada pelas cinzas das necessidades cotidianas e da indiferença e, ainda assim, por mais tarde que seja, nunca é abafada. (...) Sim, e não há também homens que, privados de tal forma do sentimento da vida, chegam a considerar toda a vida e a própria natureza dos mortais um nada, uma existência atormentada, semelhante ao pó? Se se movessem vivamente em tua alma as imagens de homens laboriosos, se aquecesse teu peito em fogo compassivo, se se propagasse por todo teu ser esta inclinação que emana do mais profundo, se fosse agradável ouvir os sons de tua garganta, as palavras de teus lábios, se te sentisses forte o bastante em ti mesmo, e certamente procurarias lugar e ocasião de poder sentir-te também nos outros (GOETHE, 2006, p.68).

O que fundamentalmente subtraímos desta passagem é a questão de que só a arte traduz o que é humano. A humanidade, em si, não é natural, porque é produto de esforços do homem, mas o seu cultivo, de certa forma, o é, porque é uma inclinação dessa natureza. E mais que isso, o “sentir-se também nos outros” é uma mostra de que Meister via no teatro a expressão mais pura dessa arte, arte com a qual o homem *imita* a natureza, na sua produção de *caracteres*, na condição de *mimese* do que é essencialmente humano.

Tudo isso aponta para uma conotação didática da obra. Goethe demonstra, através do seu romance, que a vida social pode ser pensada como uma espécie de representação teatral, onde os homens devem se reconhecer enquanto parte de um todo, onde os seus movimentos só se tornam precisos quando reconhecem a importância de seus pares e quando conseguem, por assim dizer, o seu autodomínio, traduzido, aqui, como a capacidade de reflexividade e apreciação daquilo que os cercam. Neste sentido, a formação só se dá mediante essa consciência da pluralidade



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

de pares e pela constante busca do aperfeiçoamento. Se configurando, desta forma, como um processo sempre inconcluso, porque pressupõe a capacidade de pensar as próprias atuações.

REFERÊNCIAS

FORTES, Luiz Roberto Salinas. *Paradoxo do espetáculo: política e poética em Rousseau*. São Paulo: Discurso Editorial, 1997.

FUJITA, N. G. "Algumas observações sobre William Shakespeare por ocasião do Wilhelm Meister", de August-Wilhelm Schlegel; "Resenha de "Algumas observações sobre William Shakespeare por ocasião do Wilhelm Meister", de August-Wilhelm Schlegel, de Friedrich Schlegel; "Sobre o Meister de Goethe", de Friedrich Schlegel: tradução, notas e ensaio introdutório. Disponível em

http://www.fflch.usp.br/df/site/posgraduacao/2006_mes/nataliagiosafugita.pdf. Acesso em 25 de fevereiro de 2009.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*; tradução de Nicolino Simone Neto, ensaio de George Luckács "Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister". São Paulo: Editora Ensaio, 1996.

SCHLEGEL, Friedrich. *O dialeto dos fragmentos*, tradução do Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SIMMEL, Georg. "Subjective culture" e "Sociability". In: *On individuality and social forms*. Chicago: University of Chicago Press. p. 127-140 e 227-233.

SUZUKI, Márcio. *O gênio romântico: crítica e história da filosofia em Friedrich Schlegel*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

WATT, I. *Ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.